

O ETNÓGRAFO E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSAS

MARIA MILLA

UNIVERSIDADE DE LUND – SUÉCIA

SUMÁRIO

Os meios de comunicação nem sempre constituem uma fonte de informação plena, porque transformam os factos, de modo a tornarem a reportagem espectacular. Servindo assim os objectivos do jornalista, não servem os do etnógrafo. Este tem de recolher dados sobre a sua zona e tema de estudo, socorrendo-se de toda a espécie de fontes: meios de comunicação e perspectivas académicas. Esta bagagem constituirá apenas um ponto de partida para o conhecimento do meio, já que será questionada aquando da observação etnográfica. O etnógrafo terá que separar generalizações e representações de realidades, interpretando e actualizando “in loco” a informação inicial. Esta, considerada como “imagem instantânea”, opõe-se à tarefa do etnógrafo, que deve constituir uma “longa-metragem completa”.

ABSTRACT

The mass media do not always provide the audience with complete information, because they transform facts in such a way as to make their reports spectacular. Thus serving the objectives of the journalist, the mass media do not serve those of the ethnographer. The latter has to assemble and bear in mind all the data about his/her area and subject of study, following all kinds of sources, including those offered by the mass media and academic works. This baggage constitutes only a starting point on the way to the final conclusion, and will be questioned during ethnographic observation. The ethnographer will have to separate generalisations and representations of the reality, interpreting and localising the original information. Considered as the “instant image”, this information is opposed to the task of the ethnographer who has to produce a complete “feature film”.

Há alguns meses voltei de um trabalho de campo que me levou a um bairro de população imigrante na cidade de Los Angeles, Califórnia. Apesar de se encontrar em Los Angeles, a aparência física do bairro assemelha-se a um qualquer bairro da América Latina. Para o antropólogo, trata-se de uma área etnograficamente ideal. Eu desconhecia, antes de iniciar as minhas pesquisas, que se tratava de uma zona reconhecidamente “à parte” da zona urbana de Los Angeles.

Ao procurar manter-me a par do que continuava a acontecer na cidade, li uma série de artigos no jornal principal de Los Angeles, o “LA Times”. A série debruçava-se sobre a forma como vêm crescendo o poder e o impacto de uma das mais temidas quadrilhas locais e sobre os esforços que têm vindo a ser feitos para os suster. A leitura dos artigos permitiu-me verificar que se tratava do bairro que constitui a minha zona de estudo. A rua onde trabalhara, as estradas que percorrera diariamente, encontravam-se todas descritas nos artigos. Incluído na série, um mapa indicava os locais de transacções ilegais, criando uma documentação visual que ostracizava efectivamente a zona. Os habitantes do bairro encontram-se incluídos, implícita e automaticamente, nos negócios ilícitos que “decorrem em qualquer esquina”. A imagem dada pelos meios de comunicação equivale àquela que eu própria tinha da cidade antes de ter ido a Los Angeles: poluição, crime, terremotos e quadrilhas. Informada por tais artigos sobre o aumento da violência urbana associada às actividades das quadrilhas locais, encarei a ideia de aí levar a cabo um trabalho de campo sobre imigrantes sem documentos com bastante receio. Para poder começar a pesquisar, tive primeiro que ultrapassar as minhas próprias apreensões.

O percurso do etnógrafo em relação aos meios de comunicação pode fazer-se em referência a uma perspectiva temporal. Daí se podem explicar a construção e desconstrução da informação acumulada à cerca da zona de estudo. Paralelamente ao acesso a esta última, existe um processo de tradução, posto em campo pelos meios de comunicação, que descreve a sua realidade. Através de observações de natureza participativa, o etnógrafo contextualiza a informação que adquirira previamente, transformando o percurso etnográfico num contraste entre o conhecimento anterior à visita de campo e o conhecimento adquirido em campo. Uma vez saído da zona de estudo, reexaminado de uma perspectiva diferente, o material etnográfico é mais uma vez recontextualizado.

OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO COMO FONTE DE INFORMAÇÃO

O jornalismo cria representações da realidade via reportagens, conduzidas a par dos acontecimentos, constituindo algo que a população tem em comum, a sua informação quotidiana. Um jornalista age sobre um acontecimento ao informar, logo certos acontecimentos se encontram associados a determinadas localidades. Ao apresentar acontecimentos, os meios de comunicação criam uma ressonância entre realidade e representação. D.G. Shane (1995) aplica a analogia da “balcanização” para examinar os efeitos dos meios de comunicação, particularmente o seu efeito paralizador ao informar, transformando a informação em espectáculo. Acontecimentos como o ataque a Rodney King em 1991, os violentos tumultos públicos em Los Angeles em 1992 e os ataques a imigrantes sem documentos pela polícia de Riverside em 1996, todos foram transmitidos pela televisão. Constituem exemplos de imagens que denotam e representam a convergência entre realidade e ficção. Tais imagens familiarizam o espectador, à distância, com os perigos existentes na sociedade.

A etnografia examina a forma como são feitas representações e os efeitos criados pelos meios de comunicação. No sentido Agar (1985) da palavra, existem “rupturas” na informação acumulada. No decorrer da experiência etnográfica, a informação é recontextualizada. Neste caso, primeiro cheguei à minha zona de estudo com conhecimentos formados através de informações recebidas de várias fontes (cinema, televisão, jornais, artigos académicos e documentários sociológicos), compondo as imagens e associações ligadas ao campo de estudo. Segundo, ao iniciar o trabalho de campo, integrei interpretações novas a partir das minhas observações.

O consumo diário de produtos dos meios de comunicação tornou-se uma fonte relevante no adquirir e decifrar de informação acerca da área de estudo. Num campo de estudo do tamanho de Los Angeles, é impossível examinar simultaneamente todos os lugares que seria de desejar, pelo qual se tornou necessário criar um mapa de campo e compilar uma larga série de dados vindos de jornais em Espanhol e em Inglês, jornais locais, televisão, noticiários, espectáculos, estudos académicos em áreas pertinentes e dados vindos de associações comunitárias locais. O etnógrafo pode também recorrer a meios directos de obter dados sobre locais ou acontecimentos que complementem as suas pesquisas. Como exemplo, veja-se a forma como seleccionei o meu escritório de campo: através de um programa televisivo de notícias, durante o qual aparecia o contacto de uma ONG (Organização Não

Governamental) local. Todas essas fontes se tornaram um complemento importante do estudo etnográfico em si. Simultaneamente à observação etnográfica ocorre um processo de diluição da informação.

Os problemas que suscita a dita série de artigos no LA Times nunca chegam a ser analisados, existem sem contexto. Neste caso, deve perguntar-se como é possível compreender a viva realidade de uma zona urbana quando essa se encontra já categorizada? A imagem dada pelos artigos é uma imagem de caos e desordem esmagadores. Alguns dos temas desenvolvidos nos artigos incluem o fracasso das autoridades ao tentar controlar a expansão da quadrilha local, as estratégias de recrutamento da quadrilha, os seus ritos de iniciação e as suas excursões violentas. As tácticas primárias aplicadas pelas autoridades são descritas em termos que recordam uma estratégia militar com tecnologias de ponta, coordenadas a níveis múltiplos entre entidades diferentes. Mas, ao descrever a situação como sendo tão desmedida que nem as autoridades conseguem exercer controlo, cria-se um receio colectivo que converte a violência urbana no maior temor nacional. Por autoridades entenda-se as várias entidades legais: o Serviço Nacional de Imigração e Naturalização (INS), o Departamento da Polícia de Los Angeles (LAPD), o Instituto Federal de Investigação (FBI) e as organizações anti-quadrilha. Não se mencionam nos artigos a forma e a deterioração da qualidade de vida no bairro em questão. Na realidade existe uma ordem na vida quotidiana do bairro que os artigos não descrevem. Los Angeles é uma cidade com milhares de pequenas zonas, cada uma um bairro que é um mundo, uma forma específica de vida. Chamem-se-lhes “Territórios”, “enclaves”, o que se quiser. A única forma de os compreender é por penetração, o que exige mais do que o resultado superficial obtido por uma equipa de correspondentes especiais enviados para fazer uma reportagem. Exige mais que uma vista de olhos. A imagem dada pelos artigos revela só uma face da moeda ou aspecto: a vida da jovem população masculina pertencente às quadrilhas.

Os meios de comunicação utilizam a metáfora da selva para descrever a vida de partes “desconhecidas” da cidade, bem como dos seus habitantes. A imagem da cidade como selva pode utilizar-se para examinar as imagens e ideias que se concebem à cerca do desconhecido. Esta metáfora da selva é a mais adequada à sensação de exploração urbana. Trata-se também do maior lugar-comum dos meios de comunicação em relação a uma metrópole: conota a noção de perigo e a imagem de habitantes “primitivos” e “selvagens”. Sobreviver na selva significa comer, trabalhar, vender drogas, etc. Ninguém sobrevive simplesmente por estar presente. D.G. Shane (1995) refere-se à

analogia dos Balcãs quando examina o estado de cerco nos enclaves urbanos criados pela violência nas cidades dos Estados Unidos. Por um lado, o conceito de “balcanização” encontra-se corroborado pelos meios de comunicação através das representações simplificadas de territórios e guerrilhas urbanas. Por outro lado, a etnografia revela desse conceito os lugares: cada enclave, cada bairro. A vida quotidiana de cada um destes só é acessível do seu interior. As pessoas que neles vivem debatem-se diariamente com os efeitos da marginalização imposta pela sociedade urbana. As outras populações do bairro: terceira idade, mulheres e crianças, nunca são mencionadas. As acções tomadas pelas mães, por exemplo, não são examinadas. As petições requisitando maior protecção policial, não têm resposta. Existem factos na vida do bairro dos quais a população urbana geral nunca é informada. O bairro contém pessoas com estratégias de participação na sociedade urbana e a sobrevivência no bairro passa por elas: o trabalhar sem documentos, o frequentar de escolas, a transformação dos que partem diariamente do bairro para poder ganhar a vida, ofícios como os de homens que são mecânicos, mulheres que fazem limpeza doméstica noutros bairros mais economicamente viáveis, etc..

Um dos maiores desafios do trabalho de campo é confrontar e ultrapassar as realidades, para além da compreensão académica (Bourgois, 1996). Neste caso, a realidade do campo de estudo manifestou-se na existência de uma quadrilha local activa. A análise desse tema em toda a sua complexidade ultrapassa este estudo. No entanto, as minhas pesquisas confirmam directamente a sua existência. O conhecimento colectivo existente no bairro sugere que tal actividade resulta da necessidade de dar solução a rivalidades entre quadrilhas. Tornou-se necessário investigar as regras e a situação de tais disputas. O que é implícito para quem mora no bairro, não é evidente para quem vem de fora. Eu obtive dados a esse respeito coordenando informações vindas de colegas de trabalho no campo e de outros relatos internos ao bairro.

As ideias pré-existentes do etnógrafo, vindas tanto de meios de comunicação como de meios académicos, não constituem um guia à aproximação da realidade no campo de estudo. Cada zona ou bairro tem normas e regras “sui generis” que são específicas ao ambiente e que se vão alterando com o passar do tempo. O processo de elucidação do etnógrafo é o percurso de decifrar as formas e as operações que constituem o conjunto de regras aplicadas a um contexto particular. Tanto os os meios académicos, como os meios de comunicação, trabalham com representações. Ao contrário das

“imagens instantâneas” dadas por estes últimos, a etnografia resulta numa “longa metragem” completa.

O PROCESSO DE ELUCIDAÇÃO DO ETNÓGRAFO

A baixa de Los Angeles é considerada inacessível, tanto pelo “cidadão comum” que viva noutra zona, como pelo visitante que conheça pouco a cidade. A polarização de Los Angeles deve-se ao contraste extremo entre riqueza e pobreza (Davis, 1990). Imagine-se o contraste entre bairros cuidados como Beverly Hills ou Bel Air e bairros “desfavorecidos” como os das áreas Sul/Central ou do Leste de Los Angeles. A vasta geografia entre tais zonas, requer que se vá passando por diferentes bairros desconhecidos. Este cruzar de “fronteiras” ocorre por todo Los Angeles e pode exemplificar-se pela minha deslocação diária à zona de estudo. Durante a minha meia-hora de carro numa de entre três estradas de acesso ao bairro, passava por várias zonas de origem sucessivamente Iraniana, Judia, Mexicana, Africana, Coreana e, finalmente, Centro-Americana. Passar as respectivas “fronteiras” exige cuidado, o tipo de cuidado que se exerce em relação ao desconhecido. Por isto se costuma conduzir com mapa – para ficar dentro das zonas urbanas “seguras” ou conhecidas.

A zona de estudo não se diria um local para turismo. Não há nada “turístico”, nada “para ver”. As cadeias comerciais tão familiares noutros bairros não existem neste. Em seu lugar existem “placards” em Espanhol ao longo da rua principal ligada às ruazinhas que cruzam o bairro. Durante a minha primeira visita de campo, em plena fase de aprendizagem, apercebi-me de que se tratava do tipo de bairro que eu procuraria habitualmente evitar. Zona pouco desejável, onde não tenderia a parar se visse alguém necessitado de ajuda. Ao falar nisto com as pessoas com quem trabalhava no bairro, vi reacções diferentes às mesmas ruas que percorrera e à atmosfera de perigo da qual me parecera aperceber-me. Seguem-se duas reconstituições de notas do meu diário de campo, ilustrando a necessidade de um processo de elucidação do etnógrafo.

P: Até que ponto é seguro este bairro?

R: Bem, estamos num bairro étnico. Durante o dia não me preocuparia, mas quando começa a entardecer, é melhor limitar-se a conduzir pelas vias principais. É evidente que não se devem correr riscos como conduzir só à noite, ou entrar em situações em que seja preciso sair do carro por exemplo para meter gasolina pessoalmente.

Não estamos num bairro em que se vá a pé, rua fora, para ir tomar café ou para almoçar.

Um dia durante a minha primeira semana de trabalho no escritório de campo, ouvi o som alto de uma banda a tocar.

P: Há alguma festa?

R:(com grande irritação) Que eu saiba, não. Bem-vinda ao bairro! Aqui é assim que se ouve música. Como não é daqui, não está habituada. Sabe do bairro, não sabe?

P: Em que sentido?

R: Sabe que estamos em território de quadrilhas, território Centro-Americano a fazer fronteira com território Coreano. Andam constantemente em luta. Conhece aquele jardim do outro lado da rua? Vendem lá drogas. Há pouco tempo mataram um homem a tiro, mesmo do outro lado desta porta. É verdade. É preciso que saiba. Não se meta com ninguém ao conduzir. Não se perca. Se tiver que sair daqui tarde, não vá de carro sozinha. Ande sempre pelas ruas principais. É vantagem sua parecer Latina ... desde que não ande em território Coreano (risos). Se não levar um Lexus (marca de carro) não há-de sobressair. Enquanto estiver aqui no escritório, não se preocupe. A gente do bairro conhece-nos. Precisam da nossa ajuda e respeitam o nosso lugar.

O facto de o bairro respeitar a ONG onde eu era voluntária deu-me imunidade e protecção. Estar associada à organização garantiu-me segurança pessoal. O lugar onde estacionava e as coisas que fazia denotavam quem era.

As minhas observações levam-me a concluir que o bairro é uma comunidade onde a vida segue o seu curso. Como ilustração, o jardim defronte do escritório constitui um lugar de convívio com ordem interna a meio da desordem. Pela manhã vêem-se mulheres idosas sentadas nos bancos. A meio do dia chegam mulheres mais jovens com crianças. Pela tarde muda o panorama com a vinda de homens jovens, com vozes altas e música. Com o fim de tarde vem uma mistura de homens mais velhos que vão ocupando o jardim e as esquinas vizinhas. Aparecem ainda mais jovens e carros a cruzar as ruas. Do jardim usufruem cíclicamente grupos diferentes, a horas diferentes do dia. Para quem não pertença ao bairro, existe certa tensão e estranheza no ar, uma vez que se trata de um local conhecido por ser território de quadrilhas, onde se traficam drogas. Tive que habituar-me ao

lugar, às vozes altas, à musica e por vezes ao silêncio – tudo parte do território. A familiaridade que adquirir não chegou, no entanto, a fazer desaparecer certa apreensão minha, por vezes até receio. Procurava sempre estar acompanhada quando trabalhava até tarde ou saía tarde de carro. Demorei algum tempo a habituar-me à ideia que alguém fora assassinado do outro lado da porta do escritório, nas mesmas escadas onde apareciam pessoas pelas noites a drogar-se. Não se pode dizer que seja um bairro simpático, mas, dada a minha experiência, é exagerada a noção transmitida pelos meios de comunicação, segundo a qual visitar o bairro implica estar imediatamente sujeito a assalto ou pior. O grau de perigo ao qual se sujeita alguém que entre no bairro depende da forma como se aproxime do lugar e da gente, bem como da situação em que se insira.

Foi com apreensão que deixei pela primeira vez o enclave Oeste do bairro, com o qual me familiarizara. Com o meu mapa e mau sentido de orientação, não saí da auto-estrada na rampa em que deveria ter saído. Da rampa seguinte não se podia virar à esquerda e não pude virar para trás. Continuei, mas dei uma série de voltas e observei que se tratava de uma zona etnicamente diversa: Africanos, Asiáticos, Caucasianos e ausência de Latino-Americanos. Entrei em pânico. Viam-se ainda os restos queimados de grades e estruturas devido aos tumultos públicos em Los Angeles. Para além do mapa, precisava de telefonar e pedir que me orientassem, mas não encontrei telefone. No fundo de uma rua movimentada, vi um grande edifício azul com uma placa que dizia “Best Buy” (cadeia nacional de armazéns de mercadoria electrónica), entrei e estacionei. Ao aproximar-me para utilizar o telefone deste armazém, só conseguia pensar nas notícias que ouvira recentemente acerca de uma rapariga morta a tiro num telefone público. Vi um, à entrada da loja. Estando ao telefone, virada para a entrada, ouvi dois homens a falar Espanhol (a minha língua de origem). Pousei o telefone e aproximando-me do seu camião perguntei em Espanhol se conheciam a rua que procurava. “Not really”, respondeu o jovem condutor, em Inglês. Perguntei novamente e depois de falar com o outro homem, mais velho, o jovem respondeu-me em Espanhol que sim, que não me encontrava longe, indicando-me o caminho. A questão é que, não tivesse eu ouvido todas as histórias acerca da zona, provavelmente não teria entrado em pânico. Este exemplo demonstra até que ponto estamos sujeitos à influência de dados pré-concebidos, conceitos que adquirimos, interpretamos e generalizamos de antemão. A experiência de primeira mão, neste caso de um bairro, é a única coisa que nos faz reavaliar essa percepção que levamos. Existe um fenómeno de falta de visão, produzida e sofrida de forma

semelhante à que experimentara previamente, efeito da leitura de artigos anterior à primeira visita de campo. Se tivesse lido tais artigos na zona de estudo, não teria conseguido deixar o escritório!

CONCLUSÕES

Os meios de comunicação de massas estão hoje onnipresentes. Para o etnógrafo, como para qualquer indivíduo, constituem fonte de informação, fazendo necessariamente parte fundamental da experiência de trabalho de campo. Los Angeles não é uma aldeia ou uma cidadezinha, mas uma metrópole que vai abarcando fronteiras e distâncias cada vez maiores. Constitui também um centro gerador de meios de comunicação de massas. A cidade em si é reproduzida por essa mesma indústria através de imagens com circulação global. Trata-se de um lugar onde os noticiários influenciam directamente a experiência quotidiana. Este artigo procura descrever o modo complexo através do qual se relacionam a etnografia e os meios de comunicação de massas, demonstrando como servem de fonte de conceitos e descrevendo o processo de elucidação etnográfica, produto do contraste entre a imagem mediatizada e a imagem adquirida no campo. Em relação a novas imagens, esta contextualização pode levar a subsequente recontextualização. Esta última encontra-se exemplificada pelo efeito produzido, pela reacção induzida e pelos artigos lidos. A etnografia contemporânea deverá desenvolver estratégias em relação aos meios de comunicação de massas, uma vez que eles se encontram em qualquer lugar e qualquer lugar neles se encontra.

BIBLIOGRAFIA

- AGAR, Michael H.
1985 *Speaking of Ethnography*. Sage university paper series on Qualitative Research Methods (vol. 2). Beverly Hills, CA: Sage.
- BOURGOIS, Philippe
1996 "Confronting Anthropology, Education, and Inner-City Apartheid". *American Anthropologist* 98(2):249-265.
- DAVIS, Mike
1990 *City of Quartz*. New York-London, Verso.

SHANE, D. G.

1995 *Balkanization and the Postmodern City*. In Peter Lang (ed.): *Mortal City*. Princeton Architectural Press.